

OS INTELLECTUAIS NA CONSTRUÇÃO DE UMA BAHIA IMAGINADA ENTRE AS DÉCADAS DE 1910 E 1950

INTELLECTUALS IN THE CONSTRUCTION OF AN IMAGINATED BAHIA BETWEEN THE 1910 AND 1950 DECADES

*Sura Souza Carmo*¹

RESUMO

O presente artigo visa discutir as ações dos intelectuais baianos na construção de um imaginário relacionado a Salvador e a Bahia entre as décadas de 1910 e 1950 que culminaram na invenção da baianidade. A partir da caracterização de tais intelectuais, busca-se compreender a criação e difusão de diversos elementos da cultura soteropolitana em publicações e nas artes, criando-se um imaginário para a cidade que se torna também um imaginário da Bahia. Distinguem-se dois grupos de intelectuais: os vinculados ao IGHB, caracterizado pela valorização do apogeu colonial, e um segundo grupo, a Academia dos Rebeldes, de pensamento comunista, que valorizava elementos da cultura afro-baiana. O conceito de intelectual orgânico de Gramsci foi essencial para a compreensão da intelectualidade local como indivíduos profundamente emaranhados nas relações sociais, que pertencem a uma classe ou grupo social, mas também como força autônoma independente da classe onde circulam. A metodologia empregada foi à análise qualitativa de textos publicados em anais do IGHB, jornais e revistas, além de livros considerados como guias da baianidade, em que foram observados os diferentes discursos relacionados à cultura local. Os resultados obtidos demonstraram o caráter heterogêneo na intelectualidade baiana com a formação de grupos antagônicos, mas que, concomitantemente, atuaram em prol do desenvolvimento local através da valorização de aspectos culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais; Bahia; Imaginário; Discurso.

ABSTRACT

This article aims to discuss the actions of Bahian intellectuals in the construction of an imaginary related to Salvador and Bahia between the decades of 1910 and 1950 that culminated in the invention of baianidade. Based on the characterization of such intellectuals, we seek to understand the creation and diffusion of various elements of the soteropolitan culture in publications and in the arts, creating an imaginary for the city that also becomes an imaginary of Bahia. Two groups of intellectuals are distinguished: those linked to the IGHB, characterized by the valorization of the colonial heyday, and a second group, the Academia dos Rebeldes, of communist thought, which valued elements of Afro-Bahian culture. Gramsci's concept of organic intellectual was essential for understanding local intellectuality as individuals deeply entangled in social relations, belonging to a social class or group, but also as an autonomous force independent of the class in which they circulate. The methodology used was the qualitative

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPGPMUS (UNIRIO/MAST)
E-mail: suracarmo@yahoo.com.br

analysis of texts published in the IGHB annals, newspapers and magazines, in addition to books considered as guides to Bahianity, in which the different discourses related to the local culture were observed. The results obtained demonstrated the heterogeneous character in Bahian intellectuals with the formation of antagonistic groups, but, at the same time, they acted in favor of local development through the valuation of cultural aspects.

KEYWORDS: Intellectuals; Bahia; Imaginary; Speech.

1. INTRODUÇÃO

No início do século XX, surgiu um comportamento, não apenas na Bahia, mas em outros estados brasileiros, de busca por características singulares pela intelectualidade local que elevassem o lugar a condição de lócus privilegiado de uma determinada história, cultura e modos de vida. Relacionado à construção de uma identidade local e memória do apogeu da Velha Capital, Salvador tornou-se uma cidade imaginada através da construção de um imaginário que relacionava edifícios históricos e manifestações da cultura popular, culminando na invenção da “baianidade” ou uma idéia de Bahia. Deste modo, o artigo buscou discutir como os intelectuais forjaram uma Salvador imaginada em que elementos arquitetônicos do apogeu colonial da cidade e ênfase nos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, diamantes e cacau, somaram-se, posteriormente, a elementos da cultura da diáspora africana para caracterizar a capital e o estado.

No pensamento de Antonio Gramsci, os intelectuais têm um papel preponderante na vida social, sendo compreendidos como “todo o estrato social que exerce funções organizativas no campo da produção, no da cultura e no político-administrativo” (GRAMSCI, 2004, p. 96). Ao analisar o contexto baiano é possível observar, a partir do pensamento de Gramsci, que “não existe uma classe independente de intelectuais”, pois “todo grupo social tem uma própria camada de intelectuais ou tende a formar uma para si” (GRAMSCI, 2004, p. 64). O intelectual é um homem do seu meio, que influencia e é influenciado pelo seu círculo social. Jean-Pierre Sirinelli e Jean-François Rioux (1998) caracterizaram os intelectuais como homens de cultura, ao salientar que “sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como os mediadores culturais”, e diferenciando a primeira categoria como aqueles “participam na criação artística e literária ou no progresso do saber” e a segunda como “os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber” (SIRINELLI; RIOUX, 1998, p. 261). Para Sirinelli e Rioux, faz parte do cotidiano dos intelectuais se envolverem “na defesa de grandes causas” (SIRINELLI; RIOUX, 1998, p.263), sendo a valorização das características históricas e culturais da Bahia uma maneira de superar o isolamento político e a crise econômica do início do

século XX, caracterizada por alguns estudiosos do enigma baiano (AGUIAR, 1958; MARIANI, 1977; FRITSCH, 1990).

Ainda para Sirinelli e Rioux, “as elites da mediação cultural poderiam ser, com efeito, entendidas como dotadas de certa capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência” (SIRINELLI, RIOUX, 1998, p.261). A intelectualidade local utilizou diversas ferramentas para propagação de suas ideias de uma cultura singular na Bahia, com ressonância internacional sobre a Bahia ser uma “terra boa de se viver” ou da “harmonia das raças”. Entretanto, no início dos discursos não eram homogêneos, pois distintas classes de intelectuais promoviam de maneiras diferentes, os aspectos da cultura local. A partir da Era Vargas e da valorização do negro na formação do povo brasileiro, de maneira gradual, e irreversível, os imaginários da Bahia se fundiram em prol da promoção da cidade de Salvador.

Uma Salvador imaginada foi fruto de uma construção ideológica da identidade local, semelhante ao dos nacionalismos por meio de invenções de tradições – em que algumas tradições são inventadas e muitas vezes institucionalizadas, ou seja, inseridas artificialmente em um contexto de continuidade histórica, com o passado para legitimar o nacionalismo a partir de criações das elites para autenticar a importância de sua nação (HOBSBAWM; RANGER, 1984). Neste contexto, os intelectuais podem ser considerados corresponsáveis pela invenção de uma Bahia imaginada, em que a identidade local, definida a partir das características “típicas” de um povo, tornou-se a válvula propulsora da reinserção da Bahia no cenário nacional a partir da década de 1930. Assim, a partir de “uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas”, a identidade torna-se um “dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p.52). De acordo com Stuart Hall as identidades não são permanentes e nem definidas biologicamente, mas uma construção cultural, ou seja, definidas historicamente, com caráter múltiplo, diversificado e em constante movimentação, constituindo uma “celebração móvel” (HALL, 2006), alicerçadas por “discursos, práticas e posições” (HALL, 2000, p. 108). Assim, a partir do pensamento de Hobsbawn e Ranger (1984) a respeito da invenção de tradições por diversas nações, e do conceito de identidade de Hall (2000, 2006), salienta-se neste estudo o papel dos intelectuais na eleição de elementos e na difusão de uma “ideia de Bahia”.

2. O PENSAMENTO DOS INTELLECTUAIS BAIANOS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1950

Entre as décadas de 1910 e 1930 tiveram a hegemonia nos discursos sobre Salvador e a Bahia um grupo de intelectuais não homogêneos, vinculados ao IGHB, que possuíam como principal característica o enaltecimento de uma Bahia de outrora, ou seja, aspectos que demonstrassem a riqueza do período colonial e civilidade – através da enumeração dos “homens de letras” que atuaram principalmente no campo político. Neste discurso, havia uma discrepância acentuada entre o pensamento da elite e as práticas culturais das classes populares, pois aliado ao enaltecimento da Velha Capital houve a propagação de ideias higienistas, que buscavam coibir os “africanismos”² da cidade e elevar o elemento português na formação do território e do povo (ALBUQUERQUE, 2013). Um exemplo do pensamento dos intelectuais do IHGB foi à indicação da mulher branca como representação do estado no Centenário da Independência em detrimento da índia, mulata³ ou negra, em um posicionamento que demonstra a vontade de se afastar de qualquer herança dos outros povos formadores do Brasil:

Não é um Brasil índio ou Brasil catecúmeno que se vai celebrar. Essas modalidades já passaram, há séculos, como formas transitórias de uma civilização transplantada. O Brasil índio nunca existiu. Dizer Brasil é dizer civilização, cristianismo, nas plagas da América pela ação portuguesa.[...]

É por isso que optamos a que se não tome por figura representativa da Bahia o tipo índio, que não é prevalente, nem do mestiço acentuado, que é forma transitória, mas a da mulher baiana dos nossos dias, de procedência européia ou branca, com feições expressivas do nosso meio étnico [...] (SAMPAIO; PIRAJÁ; FRANÇA, 1919, p. 231-232).

O primeiro grupo de intelectuais analisados, hegemônico entre as décadas de 1910 e 1930, vinculava-se ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), que apesar de não homogêneo, possuía como principal característica o enaltecimento de uma Bahia como a primeira capital do país e berço da civilização brasileira. Tal enaltecimento efetuou-se através da valorização do patrimônio edificado, pela criação de instituições museais, pela publicação de textos a respeito da história da Bahia e das relíquias históricas que Salvador legava aos olhos dos turistas. Personalidades como Francisco Marques de Góes Calmon, Pedro Calmon, Jorge Calmon, José Wanderley de Araújo Pinho, Hermes Lima, Bernardino de Souza, Frei Pedro Thomaz Margallo,

² Denominava-se de africanismos as manifestações culturais e ações do cotidiano realizadas pela população negra em Salvador, frequentemente alvo de ações da polícia e de escárnio em diversos jornais que circulavam em Salvador.

³ A mulata, através da valorização da crioula baiana, ou simplesmente baiana, passa a ser valorizada como um símbolo da Bahia apenas a partir da década de 1930, relacionadas a venda de quitutes nas ruas e a Festa do Bonfim.

Teodoro Sampaio, Xavier Marques, Silva Campos, Pirajá da Silva, Francisco Borges de Barros, Antônio José do Prado Valladares, entre outros fizeram pronunciamento veementes a favor da proteção das antiguidades baianas (DÓCIO, 2014; MATTOS, 2014). Neste período é possível encontrar uma gama variada de publicações em defesa do patrimônio baiano realizados pelos intelectuais do IGHB, como a conferência do Frei Pedro Thomaz Margallo realizada em defesa da preservação dos bens históricos, em que cobrava medidas do poder público contra o abandono de edifícios e roubo de arte sacra tanto na capital quanto no Recôncavo⁴. O Frei, em sua exposição, buscou enaltecer, por exemplo, a singularidade dos bens móveis integrados em madeira que eram alvos do tráfico ilícito de bens:

A Bahia pode gloriar-se de possuir verdadeiras joias de arte, e confessamos sem exageração alguma que os seus templos guardam obras de talha tão primorosas e raras que constituem um verdadeiro thesouro artistico para o Estado e ainda para a Nação, pois difficilmente se encontram fora de aqui. Atrever-me-ia a dizer que poucas nações conservam tanta riqueza em talha, como a que aqui profusamente admiramos com verdadeiro assombro (MARGALLO, 1927, p. 515).

Um fato marcante na efetivação de um discurso pautado nas características históricas baianas foi à criação da Inspetoria dos Monumentos Históricos do Estado da Bahia em 1927, através da iniciativa de Wanderley de Araújo Pinho, durante a gestão do sogro, o governador Góes Calmon, demonstrando o poder de ação de tais intelectuais na defesa de determinadas ideias. Para Sueli Cerávolo, Wanderley Pinho, como influente político e membro do IGHB, tinha em seu discurso a “intenção em insuflar a percepção do valor do patrimônio histórico e artístico” usando a persuasão para protegê-lo (CERAVOLO, 2012, p.7). Pinho proferiu inúmeros discursos nas décadas de 1910 e 1920, publicados nos Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia e na Revista do IGHB, defendendo o passado colonial de Salvador contra os anseios demolidores da modernidade. Tais discursos, publicados em alguns jornais de circulação no estado, propalaram um imaginário de Salvador vinculado a riquezas coloniais – arquitetura, bens móveis integrados e bem móveis. É possível perceber a defesa do passado colonial por Pinho, por exemplo, em discurso no IGHB de 1925, em que o patrimônio baiano além de representar um passado de fausto também era “um museu de antiguidade” em que turistas poderiam apreciar em Salvador:

[...] A nossa cidade tem como um valor grande esse cunho seu característico, que são os aspectos colonias de algumas de suas ruas e construções. Toda a orientação de reforma, pois, deveria tomar como diretriz a conservação e resguardo dessas ruas

⁴ O Recôncavo é toda a área que circunda a Baía de Todos os Santos, que povoada desde o século XVI para o plantio de cana-de-açúcar, possui diversos edifícios históricos do período colonial, principalmente nas cidades de Santo Amaro da Purificação e Cachoeira.

estreitas, tortuosas, inclinadas, mas cheias de casas e palácios de antanho, repletos de arte velha e de tradições antigas. O bairro da Sé, nesse particular, desde a rua da Assembléia à Baixa dos Sapateiros é valiosíssimo, ao *touriste*, inteligente e a quem não banalisou ainda o espírito nas impressões da mesmice do modernismo.

Respeitemos pois essa velharia que não poderíamos remodelar sem feiura e que só poderemos embelezar destruindo, para levantar sobre as ruínas coisa totalmente nova. Repartamos a cidade velha urbs intangível e a cidade mais nova, sujeita às transformações constantes, estendendo a cidade por toda essa área entre a Barra e Itapagipe, até Amaralina e pelos aterros do cais do Porto. Ofereçamos assim ao visitante e às gerações por vir um museu de antiguidade como um orgulhoso pergaminho de nossa prosápia, no bairro da Sé, e, como um atestado de nossa cultura contemporânea, a nova cidade. Elevemo-nos com esse estalão de alto valor moral [...] no respeito à arte e às lembranças do passado (PINHO, 1925, p.82-83).

Esta ação de proteção ao mesmo tempo em que possuía um cunho propagandístico, lembrava às demais elites nacionais o espaço destinado à Bahia na história da nação e atraía turistas para Salvador. De forma semelhante aos discursos proferidos por Pinho, o relatório do Subinspetor de Monumentos Históricos, Padre Manoel A. Barbosa, enviado ao governador do Estado da Bahia em 1936, enfatizou o caráter lusitano como único atrativo de Salvador para a visita turística, demonstrando o pensamento que para tal grupo de intelectuais a única tipologia de patrimônio seria a arquitetura luso-portuguesa colonial:

A nossa Capital, será, num futuro bem próximo, o maior centro de turismo sul-americano tão simples pelo que possui do passado. As igrejas, os edifícios, as velhas e tortuosas ruas, os aspectos regionais, os costumes, as tradições, a história, enfim todo esse legado que nos foi transmitido, serão os grandes e únicos atractivos para o visitante curioso e para o turista historiador ou artista (BARBOSA, 1972, p. 463-464).

Contudo, é importante ressaltar a ação de um intelectual outsider, negro e não vinculado à elite agrária no mesmo período. Manuel Querino, falecido na década de 1920, por meio de publicações em vida ou póstumas, evidenciou o papel do negro na formação nacional e sua a proeminência no campo das artes na Bahia (QUERINO, 1909, 1911, 1918, 1938). Em um período de intenso escárnio às atividades do cotidiano realizado por pessoas afrodescendentes, de coibição de “africanismos”, Querino foi um intelectual orgânico que levou para o meio acadêmico discussões a respeito do negro como elemento civilizador e contribuiu para a valorização da cultura vinculada a diáspora africana na Bahia.

A partir da década de 1930 ocorreu, em nível nacional e local, uma aproximação entre os intelectuais e as classes populares, representando a busca por se pensar uma identidade nacional mais próxima das características da população. Foram diversos os mecanismos utilizados pelos intelectuais baianos para criar uma ideia de Bahia vinculada às características da diáspora africana e romper com o pensamento hegemônico do IGHB. Em uma aproximação entre os intelectuais,

influenciados por ideais comunistas, e as classes populares, inaugurou-se um novo jeito de imaginar Salvador e a Bahia, com a agregação nos discursos de elementos culturais das camadas populares, sobretudo dos descendentes de africanos (SANTANA, 2017). Entretanto, durante a década de 1930, o discurso hegemônico sobre a Bahia e Salvador continuou pautado na valorização da arquitetura secular.

Era um momento de mobilizações com a criação da Frente Negra da Bahia, em 1932, um marco na luta por igualdade na capital baiana, pois buscava na alfabetização, o “levantamento moral da raça” e a inserção política (BACELAR, 1996, p.76), mas também de diminuição da propagação dos ideais de branqueamento da nação em virtude da busca, na Era Vargas, de uma unidade nacional. O discurso mais solidificado contra o exclusivismo da herança portuguesa na Bahia foi realizado pelos membros da Academia dos Rebeldes – um grupo de intelectuais que a partir do final da década de 1920 passaram a se reunir com frequência e publicar textos que salientavam a predominância da cultura popular em Salvador. Para Angelo Soares (2005) o grupo tinha caráter modernista conjugando tradição e modernidade, combatendo o conservadorismo e com uma produção literária que refletia as tensões sociais e valoriza a riqueza do negro e do mestiço (SOARES, 2005, p.68-75). Eram membros da Academia dos Rebeldes Jorge Amado, Edison Carneiro, Aydano Couto Ferraz, Clovis Amorim, João Cordeiro, Walter da Silveira, José Alves Ribeiro e Pinheiro Veigas.

Um marco da ação de Jorge Amado, Edison Carneiro e Aydano Ferraz para refletir sobre a presença africana na Bahia foi a organização do II Congresso Afro-Brasileiro, sediado em Salvador em 1937, com a participação de intelectuais, mas também do povo-de-santo. Para Geferson Santana, tais intelectuais “estiveram comprometidos com uma agenda de luta pela liberdade religiosa, denuncia das repressões aos terreiros de candomblé, à condição de marginalidade e exploração do proletariado negro” através da “produção acadêmica, organização de eventos, agremiações ou na literatura” (SANTANA, 2017, p.313). Publicado nos anais do evento, o discurso de Jorge Amado sobre a importância de dar visibilidade à população negra de Salvador simboliza o pensamento do grupo, pois a ideia de vergonha relacionada à população de origem africana propagada por intelectuais vinculados à elite agrária não poderia ter mais espaço na sociedade sendo necessário “reconhecer, estudar, classificar e louvar a admirável contribuição do negro na formação da nacionalidade” (AMADO, 1940, p.326).

O posicionamento político de tais intelectuais rendeu a Jorge Amado e Edison Carneiro uma forte perseguição política no Estado Novo devido à propagação de ideias consideradas comunistas. Edison Carneiro, por exemplo, refugiou-se em 1937, no Opô Afonjá, de Mãe

Aninha, que meses antes teve papel de destaque na organização do Congresso Afro-Brasileiro na Bahia, demonstrando mais uma vez em que meio circulava os intelectuais de esquerda na Bahia (LIMA, 2004). Para Luiz Rossi “muito da rebeldia invocada por Édison Carneiro e seus colegas devia operacionalizar códigos de distinção que fossem capazes de marcar a distância relativa que seus membros mantinham das instituições oficiais de manutenção da produção cultural baiana”, pois o distanciamento “se expressava nos diferentes redutos de sociabilidade que cada um dos grupos frequentava, bem como nos próprios estilos de vida que sustentavam” (ROSSI, 2011, p.93). Rossi informou que os locais frequentados pelos “rebeldes” era a antítese dos ambientes de encontros dos membros do IGHB, pois enquanto um grupo buscava se distanciar do povo o outro convivía em espaços onde era possível entrar em contato com as camadas mais baixas da população:

[...] cafés e bares ao lado ou às margens dos clubs mais elegantes do Largo do Teatro, ou então naqueles de feições mais proletárias – não por acaso, a meio caminho da cidade alta e baixa de Salvador, na região do Pelourinho, teriam eles a oportunidade de não apenas travar contato com um universo heterogêneo de outros tantos jovens desafortunados aspirantes a poeta ou subliteratos desprovidos de toda sorte de capitais, mas também de vivenciar os prenúncios de uma identificação em chave virtual e ambivalente com as figuras e personagens do “povo”, os quais muitos deles, posteriormente, passariam a reivindicar como aliados de suas atividades intelectuais, literárias e políticas (ROSSI, 2011, p.97-98)

É importante salientar que diversos locais de encontros dos dois grupos localizavam-se no centro da cidade, mas em espaços muito diferentes, pois, a opção dos jovens acadêmicos e literatos da Academia dos Rebeldes era vivenciar a vida do povo para falar com propriedade sobre o mesmo. Valdomiro Santana apresentou um depoimento de Jorge Amado sobre suas vivências entre o povo baiano entre o final da década de 1920 e início de 1930:

[...] éramos uns subliteratos, uns esculhambados, o rebotalho da cultura baiana. Fazíamos farras imensas, tínhamos muita ligação com as figuras populares, capoeiristas, malandros, estivadores, boêmios, prostitutas. Íamos sempre as festinhas de bairro, aos candomblés, as feiras, aos mercados. Dai o meu aprendizado de romancista. Esse meu contato com o povo foi fundamental para a obra que escrevi (AMADO *apud* SANTANA, 1986, p. 14).

Jorge Amado, a partir da década de 1930, foi o responsável pela criação e/ou difusão de alguns imaginários sobre a Bahia e a cidade de Salvador a partir de uma escrita que evidenciava características do povo pouco apreciadas pela elite. Um imaginário de Salvador e de outras regiões da Bahia foi construído através de personagens, lugares, profissões, hábitos do cotidiano

em uma obra ficcional que remetia a diversos personagens que realmente existiram na Bahia, através de uma escrita de cunho antropológico, imaginativo, memorialístico e documental de intelectual orgânico de seu tempo. Considerado um dos agentes construtores da “utopia de lugar” (RISÉRIO, 1993; MACIEL, 2015), o autor foi uma espécie de porta-voz da cultura da diáspora africana da Bahia e dos marginalizados, através de uma escrita que buscava enaltecer o “espírito do lugar”, uma aura fantástica, singular, que só a Bahia e o povo baiano “seriam capazes” de possuir. Para Celeste Andrade (2000) a obra de Jorge Amado possui a habilidade de demarcar espaços e fronteiras, uma geografia imaginada. A obra de Jorge Amado, assim como suas práticas sociais, estava comprometida por uma luta pela liberdade religiosa, contra a marginalidade do povo negro e pela descriminalização do candomblé.

É importante salientar que na década de 1930 houve um embate de ideias, pois a elite não se agradava da visibilidade que Jorge Amado dava aos segmentos considerados mais baixos da população, entretanto, o romancista não se abalou com as críticas à sua escrita ou a representação de personagens típicos do povo baiano – sobretudo de origem negra e das classes sociais subalternas – em seus romances. No prefácio da primeira edição de *Capitães de Areia* esclareceu que não escrevia para alimentar o próprio ego, mas para apresentar a essência do povo baiano – o romance apresentava a realidade de um grupo de meninos de rua que cometiam pequenos delitos, o qual a elite não queria que fosse relacionada a uma cidade que se “civilizava” e atraía turistas através do Touring Club do Brasil e do Automóvel Club Brasil (KELSCH, 2018). A forma como Jorge Amado tratou de tal questão reflete o incômodo que o sucesso dos romances do autor causava em alguns segmentos na elite letrada soteropolitana em que uma imagem da Bahia com moleques, cortiços, bêbados e prostitutas se fixava no imaginário popular sobre a Antiga Capital:

Tenho certeza que não fiz obra de repórter e sim de romancista, como tenho a certeza que, se bem os meus romances narrem fatos, sentimentos e paisagens baianas, têm um largo sentido universal e humano mesmo devido ao caráter social que possuem, sentido universal e humano sem dúvida muitas vezes maior que os desses romances escritos em reação aos dos novos romancistas brasileiros e que se distinguem por não aceitarem nenhum caráter local nem social nas suas páginas, romances que no fundo não passam de masturbação intelectual, espécie de continuação da masturbação física que praticam diariamente os seus autores (AMADO, 1937, p.13).

Além dos romances, Amado propagou um imaginário de Salvador através de uma obra emblemática para a compreensão de Salvador pelo grupo de intelectuais ao qual fazia parte: o livro *Bahia de todos os Santos*, uma espécie de guia turístico não convencional sobre a cidade, lançado em 1945. O diferencial da obra está associado ao autor não mascarar os problemas

sociais da cidade, criando um imaginário da cidade que perpassa locais, personagens e acontecimentos na vida da plebe. Para o autor a “cidade da Bahia é múltipla e desigual” com uma “beleza eterna, sólida como em nenhuma outra cidade brasileira nascendo do passado, rebentando em pitoresco no cais, nas macumbas, nas feiras, nos becos e nas ladeiras, sua beleza tão poderosa que se vê, se apalpa e se cheira, sua beleza de mulher sensual” (AMADO, 1945, p.17). Ao descrever os elementos que compõem o imaginário de Salvador não deixa de realizar de apontar a miséria existente na cidade:

São muitas as festas populares da Bahia, festas religiosas, festas católicas, negras ou misturadas, festas de rua e festas patrióticas, material para um vasto livro. Todas elas cheias de pitoresco, iluminadas com a presença alegre das “baianas” com seus trajes típicos, dos capoeiristas, dos pais-de-santo, das mulatas dengosas, desse povo de tanto colorido, de tão resistente alegria que supera a miséria em que vive. Povo forte que a fome não consegue abater (AMADO, 1945, p.145).

Apesar da grande movimentação intelectual em prol da valorização da cultura da diáspora africana por alguns intelectuais baianos em meados da década de 1930, o guia *Breves Informações Turísticas*, publicado em 1949, confeccionado pela prefeitura de Salvador através do prefeito Wanderley de Araújo Pinho, refletia ainda a negação a influência da cultura africana na cidade. A publicação, em vinte e quatro páginas, buscou sintetizar informações úteis e lugares para a visita turística, apontando as construções históricas como o principal passeio.

Uma mudança de pensamento pode ser observada a partir das obras denominadas “guias da baianidade”, que possuem uma escrita voltada a apresentação dos atrativos da Bahia em um misto de texto memorialístico e propagandístico que disseminou um imaginário sobre a cidade. Produzidas pela intelectualidade local, tais livros inseriram as manifestações populares de influência africana como bens culturais baianos que deveriam ser apreciados pelos olhos dos turistas. As principais obras publicadas entre as décadas de 1940 e 1950 são: *Procissões tradicionais da Bahia*, de João da Silva Campos (1941); *Breviário da Bahia*, de Afrânio Peixoto (1945); *Bahia de Todos os Santos*, de Jorge Amado (1945); *Alma e corpo da Bahia*, de Eduardo Tourinho (1950); *Beabá da Bahia*, de José Valladares (1951); *Bahia: imagens da terra e do povo*, de Odorico Tavares (1951); *Roteiro da Bahia*, de Hermam Lima (1953); *Bahia cidade feitoço*, de Carlos Torres (1957); *Bahia de todas as doçuras* de Nelson Gallo (1959). Em tais “guias da baianidade”, de uma maneira geral, é possível observar a junção de diferentes elementos como relacionados a um imaginário de Salvador em que a cidade de arquitetura secular e de homens de letras, pensada pelos membros do IGHB, somou-se ao pensamento de um território repleto de manifestações populares e bens culturais

frutos da diáspora africana, defendida pela Academia dos Rebeldes, ressaltando que todo o patrimônio cultural poderia ser apreciado ao se circular pela cidade.

A obra *Breviário da Bahia* do médico Afrânio Peixoto salientou a união destes dois imaginários ao denominar Salvador como “museu-cidade, capital ainda do espírito, das maneiras, rainha-mãe da inteligência, que dá sempre, e não precisa receber, porque não pede, e graças a Deus lhe sobra, para dar aos irmãos menos favorecidos” (PEIXOTO, 1980, p.248), mas também:

Entre tantas dádivas que tivemos – do trabalho, com que se granjeou o Brasil; da graça do ‘marfim negro’, de muitas mulheres: do leite branco e doce das amas que criaram tanto brasileiro; das mucamas e das domésticas que nos mestiçaram por três séculos; dos sambas lundus, candomblés, mandingas e macumbas, superstições que enfeitiçaram nossas crenças; da culinária que é a alma da carne, como a fé é a do espírito... não foi menor esta, a da bela palmeira, o dendezeiro, a *Elaes guineensis*, Jacquin que dá o coco dendê, de onde o óleo de palma ou azeite de dendê (PEIXOTO, 1980, p.80).

Um outro exemplo da mudança de pensamento, observado através de publicações, foi o guia turístico *Bêabá da Bahia: Guia Turístico*, publicado em 1951, e escrito por José Valladares, membro do grupo de intelectuais vinculados ao IGHB, em que no capítulo denominado *A Bahia Pitoresca*, enfatizou a influência cultural africana abordada nos tópicos preconceito de cor, candomblés, culinária, mercados e feiras, pesca do xaréu, capoeira, festas populares. A obra de Valladares pode ser encarada como a rendição de um intelectual vinculado às elites a um imaginário de Salvador repleto de elementos de práticas culturais das classes populares.

A imagem de Salvador criada pela intelectualidade através das letras e diversos modos de produzir arte, desde a música a pintura, foi preponderante para transformar a cidade em um importante polo turístico, voltado, a partir da segunda metade do século XX para o turismo étnico. Os intelectuais através dos “guias da baianidade”, e posteriormente por outros meios de circulação de ideias, foram os responsáveis por um frenesi na busca de informações sobre a Bahia e no aumento do fluxo turístico. O livro *Bahia cidade Feitiço* de Carlos Torres apresenta os elementos de uma Salvador imaginada que atraía os turistas:

O turista, de modo geral, viaja pelo desejo de encontrar, além do progresso material das grandes metrópoles, novidades, emoções diferentes e a Bahia preenche esses requisitos com vantagem. A riqueza dos seus templos e de suas alaias, o encanto das suas paisagens, o romantismo dos seus solares, o pitoresco de suas fortalezas, a graça dos seus ascensores, os mistérios dos seus subterrâneos, o feiticismo de suas fontes, a poesia de suas lendas, o caráter folclórico de suas festas, o apetitoso de suas comidas e o saboroso de suas frutas, a evocação de suas músicas e a proclamação da beleza de suas mulheres, tudo isto prende e enleva os que a visitam. (TORRES, 1973, p.3)

A “idéia de Bahia” forjada entre os anos de 1930 e 1950 foi o embrião do que mais tarde denominou-se baianidade. Para Agnes Mariano o termo baianidade surgiu na segunda metade do século XX, quando a Bahia entrelaçou de maneira acentuada sua economia ao turismo étnico (MARIANO, 2009). Pode-se afirmar, a partir da análise realizada por Jocélio dos Santos, que a cultura negra chegou ao poder, e no caso baiano, tornou-se uma fonte de renda para o estado através do turismo (SANTOS, 2005). Nas últimas décadas a indústria cultural e o circuito midiático consagraram um imaginário sobre a cidade de Salvador e a Bahia que amplifica o construto dos intelectuais da primeira metade do século XX – considerados inventores da baianidade. A indústria do turismo a partir da ideia da Bahia como “Terra da Alegria”, do Carnaval e do Pagode intensificaram imaginários que evidenciam a importância dos atores locais, políticos e intelectuais no processo inclusive de invenções de tradições, apropriações e ressignificação de bens simbólicos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo em distinguir os diferentes grupos de intelectuais que promoveram determinadas características da cidade de Salvador não foi desqualificar qualquer grupo ou demonstrar uma evolução de pensamento, pois todos eles tiveram um papel significativo na construção de uma Salvador imaginada. Os intelectuais do IGHB tiveram um papel decisivo na proteção dos bens culturais do estado e na criação das primeiras instituições museológicas, a fim de legar às futuras gerações a história do apogeu econômico e político vivenciado na durante séculos na Bahia. Grande parte da cultura material da Bahia deixou de sofrer com o tráfico ilícito de bens culturais graças ao engajamento destes intelectuais em perpetuar um aspecto da história da Bahia.

O surgimento da Academia dos Rebeldes pode ser vista não como uma ruptura, mas como a existência de discursos paralelos sobre a cidade de Salvador. A publicação de textos relacionados aos rebeldes não configura uma mudança na construção do imaginário de Salvador de imediato, ocorrendo à consagração de suas visões de Salvador a partir da década de 1950. É deste período a produção de muitos romances de Jorge Amado, a chegada de Carybé e Pierre Verger à Salvador e a criação pelo reitor Edgard Santos na UFBA do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

Muitos intelectuais surgidos na década de 1950 e que escreveram os guias da baianidade não pertenciam a este ou aquele grupo, mas circulava entre os dois meios, demonstrando a

independência de pensamento, pois seus escritos são caracterizados pela valorização tanto do elemento português quanto do elemento africano na formação da cidade de Salvador. Portanto, da fusão de ideias nasceu um imaginário de Salvador e da Bahia caracterizado pelo seu aspecto heterogêneo, tornando-se atualmente símbolos amplamente difundidos por intelectuais, Estado e indústria cultural.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Manoel Pinto de. **Notas sobre o enigma baiano**. Progresso: Salvador, 1958.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de Boaventura: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910). In: BACELAR, Jeferson; PEREIRA, Cláudio (Orgs.). **Política, instituições e personagens da Bahia (1850-1930)**. Salvador: EDUFBA; CEAO, 2013, p.93-124.

AMADO, Jorge. Elogio a um mestre de seita. In: CARNEIRO, Edison; FERRAZ, Aydano Ferraz (Org.). **O Negro no Brasil: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

AMADO, Jorge. Os romances da Bahia. In: **Capitães de areia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.
AMADO, Jorge. **Bahia de todos os santos: Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador**. São Paulo: Martins, 1945.

ANDRADE, Celeste M. P. de. **Bahias de Amado: a ficção fundando uma nova geografia**. In: BACELAR, Jeferson. Frente Negra Brasileira na Bahia. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, p. 73-85, 1996.

BARBOSA, Manoel de Aquino. **Retalhos de um arquivo**. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1972.

CAMPOS, João da Silva. **Procissões tradicionais da Bahia**. 2ª Ed. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 2001.

CERAVOLO, Suely Moraes. A Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais do Estado da Bahia: do discurso à ação (1927-1938). **Seminário Internacional 90 Anos do Museu Histórico Nacional em Debate (1922-2012)**, Rio de Janeiro, 2012.

DÓCIO, Vanessa de Almeida. **Sob o signo da pedra e cal: trajetória da política de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico no estado da Bahia (1927 – 1967)**. 171 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

FRITSCH, Winston. Apogeu e crise na primeira República: 1900-1930. In: ABREU, Marcelo de Paiva. **A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana 1889-1989**. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 31-72.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização

- Brasileira, 2004. GALLO, Nelson. **Bahia de todas as doçuras**. Livraria Progresso, 1959.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103- 133.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KELSCH, Leonardo Teixeira. **Turismo em Salvador na Era Vargas: a trajetória das políticas de inserção e promoção da atividade na cidade da Bahia entre os anos 1930 e 1945**. 305 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- LIMA, Herman. **Roteiro da Bahia**. 2ª Ed. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, [1953] 1969.
- LIMA, Vivaldo da Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. **Estudos Avançados**, Salvador, v. 18, n.52, 2004.
- MACIEL, Neila Dourado Gonçalves. **Carybé e a legitimação de um discurso da baianidade na integração das artes em Salvador**. 309 fls. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- MARGALLO, Pedro Thomaz. Protecção do Estado às Obras de Arte e Monumentos Históricos (Cachoeira, 10 de julho de 1927). **Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia**, Salvador, nº 53, p. 513-518, jan/jun, 1927
- MARIANI, Clemente. Análise do problema econômico baiano. **Planejamento. Fundação de Pesquisas – CPE**, Salvador, v.5, n. 4, p. 55-121, out/dez, 1977. MARIANO, Agnes. **A Invenção da Baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.
- MATTOS, Ana Teresa Góis Soares de. **Nem português, nem mineiro... baiano e nacional, com todo respeito: a atuação da Bahia no campo do patrimônio brasileiro**. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.
- PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, [1945] 1980.
- PINHO, José Wanderley de Araújo. A Igreja da Sé - em torno de sua demolição. Proposta do Dr. José Wanderley de Araújo Pinho em sessão de 22 de março de 1925 e parecer da comissão. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n. 51, p. 81-91, 1925.
- PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR. Diretoria do arquivo, Divulgação e Estatística. **Breves informações turísticas**. Salvador: PMS, 1949. 24 p.
- QUERINO, Manuel. **As artes na Bahia**. Salvador-Ba: Typ. E Encardenação de Lyceu de Artes e

Offícios, 1909.

QUERINO, Manuel. **Artistas Baianos**: indicações biográficas. 2 ed. Bahia: Oficina da Empresa A Bahia, 1911.

QUERINO, Manuel. **O colono preto como fator da Civilização Brasileira**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

RISÉRIO, Antonio. **Caymmi**: uma utopia de lugar. São Paulo: Perspectiva, 1993. ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 288 f. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011.

SAMPAIO, Theodoro; SILVA, Pirajá da; FRANÇA, A. de Campos. A figura simbólica da Bahia. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, n. 45, p. 231-232, 1919.

SANTANA, Geferson. **O combate das idéias**: estratégias culturais dos intelectuais comunistas baianos a produção e um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937). 336 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2017.

SANTANA, Valdomiro. **Literatura baiana (1920-1980)**. Rio de Janeiro: Philobiblion; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder**: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil. Salvador: Edufba, 2005.

SIRINELLI, Jean-Pierre; RIOUX, Jean-François. **Para uma história cultural**. Editora Estampa: Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Angelo Barroso Costa. **Academia dos Rebeldes**: modernismo à moda baiana. 204 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural), Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

TAVARES, Odorico. **Bahia**: imagens da terra e do povo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, [1951] 1961.

TORRES, Carlos. **Bahia cidade feitiço**. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, [1957] 1973.

TOURINHO, Eduardo. **Alma e corpo da Bahia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Pongetti, [1950] 1953.

VALLADARES, José. **Bêabá da Bahia**: guia turístico. Salvador: Progresso, 1951.

Data de submissão: 29/03/2021

Data de aprovação: 07/04/2021